
BRUNI, Arnaldo. *Foscolo traduttore e poeta. Da Omero ai Sepolcri*. Bologna: CLUEB, 2007, 218 p.

Arnaldo Bruni, professor de literatura italiana da Universidade de Florença, dedica-se principalmente à cultura do período neoclássico, especialmente às obras de Monti e Foscolo. É justamente desse último autor que Bruni trata na sua última obra, que é formada por seis artigos já publicados e dois inéditos.

Foscolo traduttore e poeta destaca-se pelo rigor da pesquisa, pela amplitude de seu *corpus* e pelo interesse do tema. A obra analisa o significado de duas obras de Ugo Foscolo (1778-1827): o carme *Dei Sepolcri* e o *Esperimento di Traduzione dell'Iliade di Omero*, ambas publicadas em abril de 1807 e que, segundo Bruni, formam um paralelo indissolúvel, ainda que a fama do *Dei Sepolcri* tenha ofuscado o *Esperimento*. O objetivo de Bruni é, portanto, reivindicar a coexistência estrutural dos dois textos que, embora aparentemente autônomos, são módulos comple-

xos e homogêneos, os quais seriam de fundamental importância para compreender os estágios de desenvolvimento da poesia posterior de Foscolo. Assim, uma das hipóteses de Bruni é a de que a tradução foi para Foscolo um laboratório da escritura poética que prefiguraria o desenvolvimento das obras futuras.

Dentre os méritos de Bruni está o fato dele usar um material pouco considerado pela crítica: o epistolário de Foscolo. Utilizando-se desse farto *corpus*, o pesquisador da Universidade de Florença prima pela intersecção da obra de Foscolo com a atividade de outros tradutores e poetas, principalmente Monti, Cesarotti e Pindemonte, sem descuidar das cenas históricas e ideológicas que perpassaram o período. Em relação à postura teórico-metodológica, o autor busca equilibrar pontos disformes de diferentes teorias, como o estruturalismo, a semiótica e a hermenêutica, a fim de “elaborare un sapere modulare e prensile, capace di farsi carico della complessività dell’oggetto di studio, rivisitato alla luce de esigenze rispettose delle sue peculiarità costitutive” (p. 8).

A obra está dividida em três partes: *Il poeta*, no qual o autor

trata de aspectos biográficos de Foscolo; *Il demonio della traduzione*, que concentra os estudos sobre a tradução de Foscolo, e *Il carme rivisitato*, que comporta estudos relacionados à poesia de Foscolo. O fio condutor que perpassa todos os ensaios que compõem a obra é a simbiose entre os *Sepolcri* e o *Esperimento*.

Na primeira parte, Bruni opta não pela simples narrativa de fatos biográficos, mas explica como eventos políticos condicionaram as escolhas de Foscolo e delinearam a sua experiência como intelectual que buscou o modelo heróico do exílio e da poesia antiga. A peculiaridade de Foscolo estaria em ter convertido a tradição dos clássicos em uma lírica pessoal e subjetiva, o que o torna um autor moderno.

Em relação ao carme, Bruni parece compartilhar com a opinião de críticos como Binni e Del Vento, para quem a poesia de Foscolo tem a Grécia como a inspiração e o ideal absoluto. Assim, a poesia de Foscolo demonstra a tensão estilística derivada da dificuldade de combinar os arquétipos culturais, nos quais o imaginário do poeta se apóia, com as exigências de um período histórico ainda aberto e contra-

ditório. O exemplo do passado é reconsiderado à luz das solicitações do presente e a fusão entre as antigas instâncias mitológicas com as exigências de um vivido lirismo subjetivo faz com que a poesia de Foscolo “merita di fregiarsi del titolo di prima lirica moderna in Italia” (p. 33), comparável a Hölderlin e Keats. Mais: as escolhas de Leopardi não seriam entendidas sem a herança de Foscolo, como é o caso do *L’infinito* em comparação ao poema anterior de Foscolo intitulado *Forse perchè della fatal quiete*.

Na segunda parte do livro, a mais volumosa, é dividida em três sessões. Na primeira, *Cronologia dell’ “Esperimento di traduzione della Iliade di Omero” di Ugo Foscolo*, Bruni reconstrói a gênese da obra e remete o interesse de Foscolo por Homero ao *Piano di Studi*, escrito em 1796. Nesse mesmo ensaio, Bruni apresenta um panorama das traduções da *Iliada*, contemplando tradutores italianos do século XVIII e XIX, e mostra a crítica de Foscolo em relação a essas traduções. Outro ponto forte é o uso do epistolário de Foscolo para a reconstrução do diálogo entre Foscolo, Monti, Cesarotti e Pindemonte. Do

epistolário surgem aspectos como a influência de Monti na escrita do *Esperimento* com suas sugestões, conselhos e correções, o que indica uma dinâmica textual aberta e mostra a importância atribuída por Foscolo ao *Esperimento* através da preocupação com a escrita.

O segundo ensaio, *Foscolo traduttore del primo canto dell'Iliade*, trata de aspectos relativos à publicação do texto, como a descrição da edição, a polêmica de Foscolo com os tradutores do Setecentos, a estrutura da obra. Bruni estuda as traduções com base na contraposição entre os textos de Foscolo, Monti e Pindemonte, ambos publicados no *Esperimento*. O motivo do paralelo entre os autores constitui o aspecto fundamental do *Esperimento*. Esse teria inclusive causado um armistício provisório entre Foscolo e Monti, o que teria contribuído para que os autores da escola milanesa se destacassem da escola vêneta de Cesarotti e Pindemonte.

Bruni dá atenção especial à polêmica de Foscolo com Cesarotti e Monti. Sobre o primeiro, Foscolo responde com a conclamada impossibilidade de traduzir fielmente, método defendido por Cesarotti, e coloca-se contrá-

rio aos métodos eruditos. Em relação à Monti, Bruni destaca que desde o início a relação foi marcada por dificuldades e contradições, que culminaria na ruptura do trabalho amigável entre ambos. A posição inovadora de Monti aponta a principal atenção não para a língua do original, mas para a língua do tradutor, fato que deu a Monti uma vantagem sobre Foscolo, mais preocupado em conservar as belezas da *Iliada* e em usar as “*idee accessorie*”, termo que Foscolo usa para designar as recriações da poesia.

O autor também analisa as escolhas de Foscolo ao traduzir o primeiro canto da *Iliada*, tais como os recursos linguísticos utilizados, o uso dos pronomes pessoais, o uso de frases exclamativas e vocativas e as interrogativas retóricas, o que demonstra “un vero e proprio mutamento di codice poetico che configura il trapasso della traduzione dal piano oggettivo del racconto epico al ritmo serrato della tragedia”. Os momentos mais sugestivos da versão de Foscolo, segundo Bruni, emergem da possibilidade de visitar, através do texto antigo, os elementos mais caros do imaginário pessoal. Daí, por exemplo, a preferência de Foscolo

pelo fascínio da noite incumbente e os retratos das deusas homéricas, presentes nos *Sepolcri*.

No último ensaio da segunda parte, *Significato dell'“Esperimento”*, Bruni conclui que, mesmo contrário ao modo de traduzir de Cesarotti, herdeiro da tradição clássica que defendia a fidelidade ao original, Foscolo adquiriu um débito de dependência para com a versão do antigo mestre. Através do método comparativo, Bruni mostra que Foscolo retomou módulos linguísticos e outros elementos usados por Cesarotti para a tradução.

Em relação ao significado do conteúdo, Bruni reconhece no estilo e no método da prosa do ensaio de Foscolo que abre o *Esperimento*, intitulado *Intendimento del traduttore*, a “scandalosa novità del libro” (p. 121). O significado do *Intendimento* consiste na recuperação da teorização setecentista das idéias acessórias. O trato distintivo de Foscolo em relação aos métodos tradicionais é constituído pela tentativa de identificação com o mundo grego através de uma via de cultura específica, ou seja, mais que a erudição, a tendência de Foscolo era a de afrontar o papel da poesia, diferente da

aproximação erudita típica de Cesarotti.

A terceira e última parte do livro, *Il carme rivisitato*, comporta quatro ensaios. O primeiro deles, *Sull'incipit dei “Sepolcri”*, debate se é lícito ou não estudar uma obra limitando-se ao seu início. A partir dos teóricos Genette e Lotman, Bruni conclui que, “se dunque compete all'incipit il compito di propellere la meccanica della testualità, è ancora in virtù della premessa che riesce possibile intendere il carattere delusivo della conclusione” (p. 136). Assim, o autor concentra-se na análise dos primeiros 15 versos dos *Sepolcri*, analisando-os tanto semântica e pragmaticamente para afirmar que existe uma trama circular no texto, cujo centro estaria na correspondência inicial e terminal do *sol que tudo ilumina* (versos 3 e 294).

Em *L'omerismo dei “Sepolcri”*, Bruni trata dos versos finais dos *Sepolcri* (254-95) e afirma que a matéria homérica presente no carme é uma confirmação de que a composição do mesmo foi posterior à tradução da *Ilíada*, o que daria ao exercício de tradução o status de gerador da escrita poética. Vale citar também a importante análise comparativa

entre os *Sepolcri*, o *Esperimento* e o epistolário. Bruni discute as interferências do epistolário na composição poética e mostra que o carne teve uma gestação progressiva, fruto do diálogo de Foscolo com seus interlocutores. Foscolo teria se apropriado e recriado idéias, léxico e conceitos tanto de Homero quanto de outros autores, o que demonstra na prática o que o próprio Foscolo escreveu em um dos seus ensaios: “il numero delle idee è determinato; la loro combinazione è infinita: e chi meglio combina meglio scrive”. Com uma série considerável de exemplos, Bruni reconstrói a rede de fontes e de relações estilísticas entre Foscolo e Homero e Foscolo e Monti e Pindemonte.

A presença dos clássicos nos *Sepolcri* é o tema do ensaio seguinte, *I “Sepolcri” e la trazione dei classici*, no qual Bruni discute o classicismo de Foscolo, caracterizado por estar ancorado no exemplo dos poetas Antigos e marcado pela aproximação com o tempo presente. Nos *Sepolcri*, a Grécia e os mitos são entendidos por Foscolo como o depósito ideal dos valores supremos, imprescindíveis ao homem contemporâneo. Utilizando o mesmo método

de comparação desenvolvido para analisar a importância de Monti para a escrita do *Esperimento*, Bruni demonstra, através de vários exemplos, a contribuição de Monti para a composição dos *Sepolcri*. Da mesma forma, o autor destaca as sobreposições de léxico o uso de citações de outros autores, especialmente Parini e Alfieri. Foscolo se apresenta assim como um intérprete, capaz de dar voz tanto aos autores da contemporaneidade como aos do passado.

No último ensaio, *Monti nei “Sepolcri”*, Bruni retoma as relações interpessoais entre Foscolo e Monti nas correspondências e destaca com muitos exemplos o uso do léxico de Monti por Foscolo, afirmando que Monti poderia ser considerado co-autor do carne de Foscolo, se considerarmos a quantidade de referências montianas. Por outro lado, para Bruni, Foscolo pode ser considerado co-autor também do texto de Monti presente no *Esperimento*. Os textos em questão – *Sepolcri* e *Esperimento di Traduzione dell’Iliade* – têm o mérito de prefigurar uma aliança poética entre Foscolo e Monti, relação essa muito singular porque prescinde das diversidades ideológicas que

colocavam os dois poetas nas filhas distintas e opostas do bonapartismo e do antibonapartismo. No fim das contas, o trabalho comum acaba por confluir uma colaboração inédita que propicia o nascimento de uma obra-prima subitamente reconhecida e destinada a marcar época.

O trabalho de Bruni insere-se na linha da renovação crítica que vem sendo dada aos textos críticos de Foscolo, ainda não ava-

liados plenamente, e que seriam, segundo Bruni, “l’impegno più stimolante sulle lettere patrie prima del De Sanctis” (p. 32). Bruni analisa Foscolo como tradutor e embora não trate especificamente dos escritos teóricos de Foscolo sobre a tradução, a abordagem do autor comporta muitos elementos originais e é fundamental para quem estuda não apenas Foscolo, mas também a tradução entre os séculos XVIII e XIX.

Karine Simoni
UFSC
